



Elogio à arte do encontro e da composição¹

Luiz B. L. Orlandi
Unicamp-Ifch-DF

Resumo: Trata-se de salientar, a partir de um texto aqui elogiado, alguns aspectos de um problema filosófico aguçado pela problemática pedagógica da elaboração de currículos escolares. Isso implica um tratamento diferencial imanentista alheio a reducionismos transcendentalistas, a modelos de formação mal tratados sob categorias como a de sujeito e objeto. O texto exalta uma arte do encontro e da composição em meio a multiplicidades de dimensões, e sem o comando transcendente que ordena e unifica.

Palavras-chave: Tomaz Tadeu; Espinosa; Deleuze; afetos; perceptos; composição.

Abstract: It's about to point out, from a text praised here, some aspects of a philosophical problem sharpened by the pedagogical issue of the elaboration of school curricula. This implies an immanent differential treatment of transcendentalist reductionisms, to poorly treated training models under categories such as subject and object. The text exalting an art of encounter and composition amid multiplicities of dimensions, and without the transcendent command that orders and unifies.

Keywords: Tomaz Tadeu; Espinosa; Deleuze; affections; perceptions; composition.

Volto a reencontrar este pequeno texto de Tomaz Tadeu. Como aconteceu nas vezes anteriores, a motivação desta retomada envolve-se com a restauração, em mim, de estados de afetuosa contemplação. Por isso, aproveito a ocasião para expressar meu gosto por ele, meu prazer de elogiar passagens desse texto. Ao contrário de certos dicionários, não costumo limitar o destinatário de um elogio a uma pessoa, viva ou morta. Essa ocasião envolve dois lances, pelo menos: um lance de urgência, a urgência de um compromisso livremente assumido, que é o de participar de um esforço de pensamento, neste caso um pensamento atuante em função de problemas ditos educacionais; e o lance de uma alegre variação de ânimo. Digo variação de ânimo, porque acompanha fluxos de uma seletiva receptividade ao que surpreende positivamente. Nem sempre um compromisso profissional é excitante ao ponto de enganchar-se com a receptividade de boas surpresas.

Então, aproveitando esta envolvente e propícia ocasião, deixei-me levar pelo prazer de voltar a elogiar esse texto. E aí encontrei a primeira dificuldade: a de como tratar o próprio elogio

1 *Retomo aqui uma conferência proferida em 30/05/2012 na Faculdade de Educação da Unicamp, durante o "IV Seminário Conexões: Deleuze e Política e Resistência e...". Trata-se de um elogio ao texto intitulado *Arte do encontro e da composição: Espinosa + Currículo + Deleuze*, escrito por Tomaz Tadeu e publicado em *Educação & Realidade*, jul/dez. 2002, págs. 47-57.

que pretendo manifestar. Essa dificuldade me obrigou a dividir esta fala em duas partes: a primeira rouba do próprio texto alguns poucos segmentos, suficientes para segurar meu elogio a ele. A segunda parte procura, também rapidamente, justificar uma idéia de elogio avessa ao prazer de praticar críticas ressentidas.

Anoto, primeiramente, um bloco das passagens roubadas para adensar a leitura elogiosa.

Os leitores desse trabalho de Tomaz Tadeu recordam-se do problema aí levantado: “inspirado por certos conceitos” deleuzianos e espinosanos, trata-se de combater, na “imanência”, em prol de uma “arte do encontro e da composição”, combate esse que visa tornar “possível conceber a educação e o currículo de outra forma que não como um processo de desenvolvimento e formação”, processo “organizado em torno das tradicionais categorias de sujeito e objeto”. O que importa para uma arte como essa é “o que se passa entre os diferentes corpos que habitam um currículo” (Tadeu, 2002, p. 47). Tomaz não está querendo compor uma “teoria” do currículo, não quer um suplemento que transcenda a “dança” curricular dos corpos. O texto renova o termo currículo ao explodir o significado de um curso parcial ou totalmente programado; leva a idéia de currículo a recuperar a atmosfera de um corre-corre, de uma correria por atalhos, de uma quebraadeira de veredas, aspirando por multiplicidades de dimensões sem o comando transcendente que ordena e unifica. Sempre “(n-1)” corroendo hierarquias extensivas. Nem mesmo se trata de “interpretar o currículo” com base nos autores que animam o texto (idem, p. 48), mas de criar linhas que façam fugir endurecidos estados de coisas curriculares e criem possibilidades de experimentar “currículos da diferença” nunca pré-formados. Nunca pré-formados, sim, mas animados por uma imagem do pensamento segundo a qual só pensamos por força de algum choque, de uma “fulguração”, de um “acontecimento”, de uma “intensidade”. Uma experimentação curricular dessa natureza não dispensa uma pedagogia refinada. Porém, não se trata de uma “pedagogia da solução de problemas”, mas de uma “pedagogia do problema”, pedagogia essa que é a pedagogia do próprio “pensar”, pois é num campo problemático de encontros que o pensar é atizado. A radicalidade dessa diferencial configuração pedagógica subtrai o “ensinar” das linhas verticais em que ele presta auxílio à “representação”, ao “reconhecimento” e à “semelhança”, submetendo-o a linhas horizontais do “aprender” por força de surpresas que fazem pensar (idem, p. 49). É a respeito do aprender, assim como de sua articulação com a idéia de composição, que encontramos nesse texto uma das poucas frases completas de Deleuze: “Aprender a nadar, aprender uma língua estrangeira, significa compor os pontos singulares de seu próprio corpo ou da sua própria língua com os de outra figura, de outro elemento que nos desmembra, que nos leva a penetrar num mundo de problemas até então desconhecidos, inauditos” (DR, p. 248 apud Tadeu, 2002, p. 50). Acho útil transcrever, também, a pergunta que Deleuze faz imediatamente em seguida: “e a que estaríamos destinados senão a problemas que exigem até mesmo a transformação de nosso corpo e de nossa língua?”. É nesse problemático tecido de composições e recomposições que efetuamos nosso complexo aprendizado. É num crescente ritmo de problematizações que o texto leva um dos mais difíceis platôs de *Mil platôs*, aquele do professor Challenger, a uma dramaturgia pedagógica pipocando em perguntas como estas: “como pedagogizar a diferença *pura* sem transformá-la em identidade? Como passar do momento ‘divino’ da criação ao momento ‘profano’ da transmissão, sem perder, no caminho, a fulguração, a singularidade e o brilho? Como prolongar ao máximo, no plano de imanência do currículo, aquele ‘aspecto de eternidade’ que Deleuze atribui ao afeto e ao percepto? Poderá o currículo deixar de ser, inevitavelmente, processo renitente de reterritorialização para se transformar, de forma igualmente obstinada, em impulso insistente de desterritorialização? Curricularizar é, inevitavelmente, anular a diferença?” E com que resposta nos brinda o texto após esse terrorismo indagativo? “Nenhuma resposta, por enquanto”, é o que ele diz. Mas nos dá uma

preciosa “pista”: “não se levar demasiadamente a sério. Fazer humor”. “Não a crítica, nem a ironia”, mas “rir de si mesmo”. Por que escolher o humor? E aí Deleuze socorre novamente o texto: porque “o humor é atonal, absolutamente imperceptível, faz alguma coisa fluir” (Deleuze; Parnet, 1977, pp. 82-83 apud Tadeu, 2002, p. 51). Nessa resposta, o *fazer alguma coisa fluir* é a maneira deleuziana de ligar o humor à potência do meio, esse errático lugar de uma pedagogia da diferenciação complexa. Por isso, podemos empurrar para dentro do texto de Tadeu mais alguma coisa dita por Deleuze na página referida na nota anterior. Por exemplo: “o humor é a arte das consequências ou dos efeitos”... “ele está sempre no meio, a caminho”, a pluralidade dos humores compõe uma “curiosa linha quebrada”: “humor inglês, humor judeu, humor estoico, humor zen” etc. e agora o humor pedagógico desse e deste professor capaz de rir de si mesmo, esquecido do modelo de sabichão, aquele portador das expressões da verdade. Em seguida, o texto busca extrair dos encontros de Deleuze com Espinosa as “linhas” através das quais uma pedagogia diferencial possa devir sensível aos “encontros” dos corpos. Essas linhas são a dos “movimentos e a dos afetos” (Tadeu, 2002, p. 53). É o cruzamento dessas linhas que nos ajuda a apreciar o que pode um corpo em sua composição problemática com outros corpos. Pelas cinéticas linhas longitudinais, um corpo revela o que pode em “movimento e repouso” e em “velocidade e lentidão”. Pelas linhas dinâmicas latitudinais, por sua vez, um corpo revela as modulações do seu poder de afetar e ser afetado em seus encontros com outros corpos, com o que varia sua “potência de agir”, o que permite avaliar o quão “bom” ou ruim foi determinado encontro. O texto faz uma aposta positiva nesse mapeamento dos encontros; sublinha a importância de uma “cartografia” atenta ao modo como os corpos se envolvem com seus problemas e se conectam do ponto de vista do cruzamento dessas linhas. O texto acredita que um mapeamento desse tipo já é suficiente para provocar mudanças curriculares e pedagógicas, porque “muda o problema”, “mudam as perguntas e mudam as respostas” (idem, p. 54).

Encerrada essa passagem pelo texto, uma espécie de espírito danado interferiu e disse. Estejam atentos ao seguinte problema: em sua vida, o professor X fez o suficiente para tornar-se um intelectual competente nas matérias a que se dedicou. Sua formação ocorreu em regime curricular tradicional. Converteu-se e hoje propugna por uma arte da composição curricular irredutível a esse tipo de formação. Questão que respinga ao longo de suas frases: a atraente atmosfera entreaberta por essa arte do encontro e da composição propiciaria um excesso de dispersão perigosamente incompatível com a possibilidade de um partícipe dedicar-se extremamente a uma ou várias matérias de sua livre escolha? E o mesmo danado responde: a falsidade da questão é visível. Ela coloca o esforço de dedicação como triste efeito de uma curricularidade opressiva, cega, portanto, à possibilidade de acontecerem livres e alegres esforços de grande dedicação aos estudos numa diferenciada curricularidade. Aquela falsa questão anima a triste sina de certo conservadorismo que se julga representante da transmissão do tradicionalmente conquistado pela humanidade; mas é bem provável que o objetivo visado por esse conservadorismo seja, efetivamente, o de manter uma privilegiada posição no jogo de forças que se entretém nas disputas pelo poder de determinar as formas do saber.

Essa interferência do espírito danado criou o intervalo para uma inserção menos abrupta da segunda parte desta fala, a destinada a justificar uma idéia de elogio avessa ao prazer de praticar críticas ressentidas.

Isso não quer dizer que seja muito fácil elogiar esse texto. Já no título emerge um pequeno tremor: “arte do encontro e da composição”... O elogio se sente bem com esse primeiro segmento do título. Sem dúvida. Mas sabemos que o título vai mais longe; após os dois pontos, aparecem três pesados blocos de dificuldades: “Espinosa + Currículo + Deleuze”, dificuldades acentuadas pelo duplo emprego desse operador de somatória, essas cruzetas simbolizando adições. O elogio

fica ameaçado por essas cruzetas, como se o título já exibisse dois cruz-credos de espanto ou aversão diante dos leitores, sejam estes amigáveis ou não. Como interpretar a incidência desses sinais de adição após uma expressão que promete aberturas multiplicadoras: “arte do encontro e da composição”? Reencontramos a ameaça dessas cruces no corpo do texto: “não se trata de utilizar Spinoza & Deleuze pra interpretar o Currículo, mas de juntar os três (é pouco, reconheço, outros mais virão depois): Spinoza + Deleuze + Currículo. Uma composição” (idem, p.48). Então, o elogio pergunta: juntar e compor são compatíveis com sinais de somatória? A gente ouve muito a expressão *somar forças numa luta*. Sim, há um realismo extensivo nisso, porém, mesmo em casos de guerra, a somatória de forças é submetida a redistribuições e composições táticas e estratégicas. Imagine-se, então, o que se passa na imanência dos combates, momentos em que a complexidade das conexões de forças ferve na quebradeira de micro intersecções absolutamente intensivas. Então, a soma não basta para contemplarmos situações delicadas, mesmo que sangrentas. O interessante, entretanto, é que o texto sabe disso muito bem. E sabe disso num dos instantes conclusivos da última página: “um agenciamento é isso. Não apenas a reunião ou o ajuntamento de corpos, mas o que acontece aos corpos quando eles se reúnem ou se juntam, sempre sob o ponto de vista de seu movimento e de seus mútuos afetos. Não se trata apenas de uma questão de soma, mas de encontro ou de composição” (idem, p. 56).

Essa observação tem tudo para restaurar no elogio sua boa disposição; o texto nos obriga a distinguir o uso que ele faz do sinal + e a idéia de mera somatória, de mera justaposição. Como Deleuze e Guattari aparecem como autores acolhidos favoravelmente pelo texto, não custa pinçar uma ou outra incidência do sinal + em algum livro deles. E o que encontramos é, pelo menos, um duplo emprego de algum modo simpático ao sinal +. E onde? Justamente nas *lembranças de uma hecceidade*, em *Mil platôs*. Recompondo conceitos junto com o “passeio de Virgínia Woolf na multidão”, os autores puderam dizer que “o passeio é uma hecceidade”, um “acontecimento”, portanto, irredutível a “formas e sujeitos”. Como acontecimento, “uma hecceidade não tem nem começo nem fim, nem origem nem destinação; está sempre no meio. Não é feita de pontos, mas apenas de linhas. Ela é rizoma”. As hecceidades são o “conteúdo” do “plano de consistência”. É em conexão com esse plano que se cria um “plano de expressão”, uma “semiótica particular que lhe serve de expressão”. Pois bem, e aí os autores, para resumirem a idéia de que “essa semiótica é sobretudo composta de nomes próprios, de verbos no infinitivo e de artigos ou de pronomes indefinidos”, acabam condensando isso num segmento escrito assim em itálico: “*Artigo indefinido + nome próprio + verbo infinitivo*”. Essas cruzetas, assim colocadas entre insinuações de acontecimentos ou hecceidades que não têm começo nem fim, passam a operar nesse condensado como indicadores de complexas composições. Os autores dizem que esse condensado constitui “a cadeia de expressão de base, correlativa dos conteúdos minimamente formalizados, do ponto de vista de uma semiótica que se liberou das significâncias formais como das subjetivações pessoais” (MP, pp. 321-322). Observemos, nessas palavras, que há todo um cuidado em relação ao condensado marcado pelas cruzetas. O elogio, portanto, tem todo o direito de transladar esse mesmo cuidado quando estiver relendo o título do texto de Tomaz Tadeu. Tudo ali é um condensado de acontecimentos dos quais o próprio texto sobrevive.

Isso não quer dizer, porém, que o texto e os filósofos referidos sejam tarados pelas cruzetas. Mas não deixa de subsistir nesse condensado pelo menos a “*memória de um planejador*”, visto que o plano, como dizem Deleuze e Guattari, acaba existindo “numa dimensão suplementar àquilo que ele dá (n + 1)”, o que faz dele, “nesse sentido” [...] “um plano teleológico, um desenho, um princípio mental. É um plano de transcendência. É um plano de analogia, seja porque assinala o termo eminente de um desenvolvimento, seja porque estabelece as relações proporcionais da estrutura”

(*MP*, p. 325). É que o $n+1$ é suportável, mas apenas quando cuidadosamente tratado como plano de expressão de uma das abas de uma semiótica, não de uma semiologia, portanto, semiótica sensível à vibração de intensivas dimensões rizomáticas, dado que, conquanto eventualmente expresso, “o rizoma”, reiteram Deleuze e Guattari, “não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que se torna dois, nem mesmo que se tornaria diretamente três, quatro ou cinco etc. Ele não é um múltiplo que deriva do Uno, nem ao qual o Uno se acrescentaria ($n+1$). Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído ($n-1$). Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear” (*MP*, p. 31). Em todo caso, e sabendo que o texto não ignora essas coisas, podemos criar uma espécie de empate elogioso entre o texto e Deleuze e Guattari, pois eles são suficientemente fortes para não recriar transcendentos que anulariam toda sua luta afirmativa da imanência, essa conquista espinosana.

Porém, não será fácil manter esse empate elogioso quando se trata da frase em que o texto completa aquela última que vimos acima. O complemento dela é este: “Não apenas a simples justaposição assinalada pela conjunção ‘e’, mas a complexa combinação implicada pela partícula ‘com’. ‘Isto e aquilo’ é bom, mas ‘isto com aquilo’ é ainda melhor” (Tadeu, 2002, p. 56). Com este último segmento, o texto não condena definitivamente a conjunção “e”, mas simplesmente trocá-la pelo “com”, condenando-a como “simples justaposição” (condenação que me lembra o mal estar de Hegel com ela), é minimizar a importância de fazê-las trabalhar conjuntamente. Ligá-las hierarquicamente não deixa de ser um desafio interessante, mas inútil do ponto de vista das operações diferenciais em que elas podem operar em rodízio. É em função da micro operatoriedade rizomática que Deleuze e Guattari escreveram passagens como esta: “um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo ‘ser’, mas o rizoma tem como tecido a conjunção ‘... e... e...’. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. Fazer tabula rasa, partir ou repartir de zero, buscar um começo, ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento (metódico, pedagógico, iniciático, simbólico...). Kleist, Lenz ou Büchner têm outra maneira de viajar e também de se mover, partir do meio, pelo meio, entrar e sair, não começar nem terminar. Mas ainda, é a literatura americana, e já inglesa, que manifestaram este sentido rizomático, souberam mover-se entre as coisas, instaurar uma lógica do E, reverter a ontologia, destituir o fundamento, anular fim e começo. Elas souberam fazer uma pragmática. É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. *Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio” (*MP*, p. 36-37). É visível, portanto, que o “e” deleuze-guattariano é suficientemente potente para circular por todas as exigências operatórias cinéticas e dinâmicas que se enredam no plano de imanência, linhas que o texto de Tomaz Tadeu valoriza extremamente.

Em conclusão provisória, gostaria de dizer o seguinte: são inúmeras as qualidades expressivas desse artigo de Tomaz Tadeu, tanto as que brilham na desenvoltura do seu aparelho discursivo quanto as que se revelam nas dobras e redobras do pensamento aí expresso. Mas, em vez de colocar certo número dessas qualidades como suporte extensivo de um juízo de aprovação (afinal de contas, nem o texto e nem o autor precisam disso), preferi buscar nas minhas leituras dele

a variação de intensidade que me afetava *de alegria*². E por ter sentido alegria, esse bom efeito em mim dos meus encontros com o texto, é que me sinto propenso a louvá-lo, a enaltecê-lo, a elogiá-lo, enfim.

Contudo, tratado com certo carinho, um elogio pede uma maneira de operar que não funcione apenas como tática destinada a encurtar a conversa; elogiar pode até mesmo ser triste, como quando cerceia por demais a duração mais complexa do encontro que suscita essa disposição; é o caso, por exemplo, de quando se diz que fulano é excelente, que tal livro é uma obra excepcional, que aquela pintura é uma beleza, que o rosto de tal pessoa é divino... Assim resumido em generalidades, um elogio deixa em silêncio oco uma vibração de linhas extensivas e intensivas. É claro, também, que nem sempre temos tempo ou nem mesmo as condições para explicitar uma emoção elogiosa.

Além disso, um elogio não é feito obrigatoriamente de aplausos ininterruptos. E mais: os próprios picos de alegria, como os que acontecem em certos encontros cognitivos com um mesmo texto, implicam uma impressionante variação de micro atrações e micro distanciamentos em relação a pormenores de uma frase ou mesmo de partículas languageiras. Um elogio, por mais detalhado que seja, está sempre resumindo, embrulhando movimentos mentais inauditos que esquentavam a leitura, movimentos que o resumo elogioso só precariamente consegue explicitar. É que a aparente continuidade do elogio envolvente, assim como a aparente continuidade do texto elogiado, ambas são como o montículo que reveste um formigueiro. Basta um leve toque de fora, apenas o suficiente para criar uma micro fenda em cada um desses aparentes contínuos, e o que daí emana é um variado nervosismo de formigas, cada qual diferentemente atçada pelo campo problemático de sua heterogenética coexistência.

Isso quer dizer que mesmo um bom encontro, ao longo do qual se sente a vontade de tecer elogios, mesmo um encontro feliz “supõe” o que Deleuze chama de “um formigamento de diferenças, um pluralismo de diferenças livres, selvagens ou não domadas, um espaço e um tempo propriamente diferenciais, originais, que persistem através das simplificações” (*DR*, p. 71). Deleuze gosta das formigas desde *DR*. Elas retornam em *MP* numa das decisivas passagens de caracterização da idéia de *rizoma*, passagem dedicada ao “princípio de ruptura a-significante” (*MP*, p. 16). Dizem Deleuze e Guattari: “É impossível exterminar as formigas, porque elas formam um rizoma animal do qual a maior parte pode ser destruída sem que ele deixe de se reconstruir”. Mas em *DR* elas não eram biológicas. Elas saltam das fendas do “Cogito”, de modo que “é preciso dizer das Idéias que elas formigam na rachadura, que elas emergem constantemente nas bordas dessa rachadura, saindo e entrando sem parar, compondo-se de mil maneiras” (*DR*, p. 220). Se a gente pergunta: tudo bem, mas que Idéias são essas? Ele diz que “o que formiga nas bordas da rachadura” [...] são as Idéias como problemas, isto é, como multiplicidades feitas de conexões diferenciais e variações de conexões, pontos relevantes e transformações de pontos” (*DR*, pp. 332-3; 355).

Esse clima elogioso pode dar a falsa impressão de que o objetivo buscado é o de chegar a uma monótona unanimidade entre leitores desta ou daquela filosofia. Não, a unanimidade é temerosa pelo que tem de santificação, de atração pela hagiografia e de pudores em face do jogo dos contrastes que tanto atraem a geografia. E quanto à monotonia, ela é demasiado triste, ao passo que o nosso barato é a alegria do cérebro, esse prodigioso lugar de vida orgânica e não orgânica. E a alegria pulsa como arruaça de possibilidades. Então, quando, no encontro de leitura, se cria

2 Ao falar de “alguns termos” de sua tradução da *Ética* de Espinosa, Tadeu (que prefere a grafia Spinoza), diz ter feito a distinção entre “afetado por’ e ‘afetado de’”, o primeiro apontando “para a causa do afeto”, e o segundo “para o afeto mesmo” enquanto “efeito” (Cf. Spinoza, 2007, p. 415).

a disposição ao elogio, o leitor já está se livrando do ódio irmão da crítica ressentida e aderindo a uma alegre cooperação cambiante. Uma cooperação desse tipo pede muitas alianças molares e moleculares, inclusive com uma das virtudes da percepção, a *percepção de mudanças* para usar uma expressão de Bergson (2011), este *nome próprio* que o título do texto aqui elogiado pode incorporar a sua série de hecceidades.

Abreviações:

DR DELEUZE, G. 1968. *Différence et répétition*. Paris: PUF.

MP DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1980. *Mille plateaux*. Paris: Minuit.

Outras referências:

BERGSON, H. 2011. *La perception du changement*. Paris : PUF, Édition critique.

DELEUZE, G.; PARNET, C. 1977. *Dialogues*. Paris: Flammarion.

SPINOZA. 2007. *Ética*. Trad. por T. Tadeu. Edição Bilingue – Latim-Português. Belo Horizonte: Autêntica.

TADEU, T. 2002. “Arte do encontro e da composição: Espinosa + Currículo + Deleuze”. In: *Educação & Realidade*. v. 27, n. 2, jul/dez. Porto Alegre: Faculdade de Educação/UFRGS.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.